

A ESTRUTURA GRAMATICAL COMO RECURSO ARGUMENTATIVO NA POÉTICA DE OSWALD DE ANDRADE

GRAMMATICAL STRUCTURE AS ARGUMENTATIVE RESOURCE IN OSWALD DE ANDRADE'S POETICS

Dieli Vesaro Palma (PUC-SP)¹
João Hilton Sayeg-Siqueira (PUC-SP)²
Luiz Antonio Ferreira (PUC-SP)³

RESUMO

Este artigo traz um exercício de reflexão sobre a poética de Oswald de Andrade apoiado em processos de gramaticalização, discursivização e argumentação. A gramaticalização leva itens lexicais e construções sintáticas a assumirem funções referentes à organização interna do discurso. A discursivização organiza a produção da fala por meio dos itens lexicais selecionados. A argumentação destaca os itens lexicais por meio de estratégias pragmático-interacionais, construindo atos retóricos. Nas três sessões que compõem este artigo, são expostos conceitos fundamentados pelas diversas correntes de estudos linguísticos contemporâneos, demonstrando, com exemplos retirados da obra do poeta, como se pode entender o processo de criação lexical, de constituição do discurso e de aproveitamento dos recursos retóricos para a criação de uma obra singular e altamente representativa da literatura poética do Brasil.

Palavras-chave: Oswald de Andrade. Poética. Gramaticalização. Discursivização. Argumentação.

ABSTRACT

This article presents an exercise of reflection on the poetics of Oswald de Andrade supported by processes of grammaticalization, discursivization and argumentation. Grammaticalization leads lexical items and syntactic constructions to assume functions related to the internal organization of discourse. Discursivization organizes speech production through selected lexical items. Argumentation highlights the lexical items through pragmatic-interactive strategies, building rhetorical acts. In the three sessions that make up this article, concepts based on the various currents of contemporary linguistic studies are exposed, demonstrating, with examples taken from the work of the poet, how one can understand the process of lexical creation, the constitution of discourse and the use of rhetorical resources. for the creation of a singular and highly representative work of Brazilian poetic literature.

Keywords: Oswald de Andrade. Poetics. Grammaticalization. Discursivization. Argumentation.

Introdução

O objetivo deste texto é pensar a construção poética de Oswald de Andrade como processo de gramaticalização, discursivização e argumentação. Nas três sessões que

¹ Endereço eletrônico: dieli@uol.com.br

² Endereço eletrônico: joaohilton@uol.com.br

³ Endereço eletrônico: luizanferreira@terra.com.br

compõem o artigo, expomos conceitos fundamentados pelas diversas correntes de estudos linguísticos contemporâneos e demonstramos, com exemplos retirados da obra do poeta, como se pode entender o processo de criação lexical, de constituição do discurso e aproveitamento dos recursos retóricos para a criação de uma obra singular e altamente representativa da literatura poética do Brasil.

A linguagem, a língua, a fala e a gramática

As vertentes linguísticas se voltaram ao estudo da relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas, por serem consideradas fenômeno sociocultural, seja por decorrência de convenção, pela criatividade da competência do falante ou pela realização de atos de fala. Assim vista, a língua passou a ser analisada num espectro mais amplo, ao se considerar sua diversidade de funções desempenhadas em diferentes contextos.

A corrente funcionalista assenta seu princípio de análise na relatividade sociointeracional, determinante para a adaptação e a organização dos processos comunicativos. Sob esse enfoque, a língua é um instrumento social que obedece mais à fluidez discursiva do que à rigidez prescritiva da gramática. Cada situação interacional elege repertório e estratégias de uso e de produção específicos. Repertório diz respeito à constituição do léxico; estratégia de uso, à gramaticalização, e estratégia de produção, à discursivização, que implica também os recursos argumentativos que determinam o grau de cumplicidade projetado para a interação.

A distinção entre gramaticalização, discursivização e argumentação, muitas vezes, não é tão clara, visto que os limites são tênues. A gramaticalização leva itens lexicais e construções sintáticas a assumirem funções referentes à organização interna do discurso. A discursivização organiza a produção da fala por meio dos itens lexicais selecionados. A argumentação destaca os itens lexicais por meio de estratégias pragmático-interacionais, construindo atos retóricos (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 12).

A lexicalização

Variados são os conceitos encontrados ao longo de anos de estudos gramaticais, filológicos e linguísticos. Uma sistematização terminológica teve início com Muller

(1968) que serviu de base para a elaboração das bases para o estabelecimento do Português Fundamental, pela Universidade de Lisboa, a partir de 1984. A conceituação aqui utilizada está baseada nas noções advindas desses delineamentos.

Léxico é um repertório de unidades mínimas, com valor referencial, divididas em categoria semântica e categoria funcional, que, associadas, constroem unidades de significação, com diferentes graus de complexidade, as lexias. As unidades da categoria semântica são significativas, livres e abertas a gerar novos termos; as da funcional são não significativas, são presas ou dependentes e servem para marcar funções morfológicas e sequenciais (com valor sintático) nas unidades de significação.

Léxico não é dicionário, este é de domínio público e decorre de uma norma de uso convencionalizada a partir de uma certa regularidade de ocorrência; aquele é de domínio particular do falante e traduz várias normas de uso, estendendo-se a variantes diastrática, decorrente do grupo social ao qual pertence; diafásica, decorrente do contexto em que se insere; diatópica, decorrente das tradições culturais da região onde habita; e diamésica, decorrente da miscigenação de registros formal e informal em um mesmo ato comunicativo.

O dicionário é composto por vocábulos, termo que, de uso convencionalizado, vem estipulado por um significado de base, uma classificação gramatical, uma ortografia específica e uma forma própria de flexão e de derivação. O léxico, por sua vez, é constituído por lexias, unidades semânticas e funcionais disponíveis para gerar novos termos, nem sempre, obrigatoriamente, seguindo as prescrições estabelecidas pelo dicionário ou pela gramática. Esta é entendida como um conjunto de princípios que regem o funcionamento da língua.

Nos atos de fala, o usuário de uma língua parte de unidades semânticas memorizadas, as lexias, aplica a elas as funcionalidades morfossintáticas, geralmente, orientadas pelo regime gramatical, e as atualiza num ato de comunicação. A lexia atualizada é a palavra, conjunto de sons ou de letras com dimensão específica, constituída de uma unidade semântica associada a unidade(s) funcional(is) que lhe dá(ão) uma classificação gramatical e inserida em um contexto discursivo/textual que lhe atribui um valor significativo que pode ou não corresponder ao significado de base atribuído pelo dicionário.

Assim, *lexia* é a unidade de língua memorizada pelo falante e que, no conjunto, constitui seu repertório linguístico. *Vocábulo* é a *lexia* dicionarizada. *Palavra* é a *lexia* ocorrência em um ato específico de comunicação, configurada pelas variedades de normas de uso, diastrática, diafásica e diatópica, responsáveis pelos neologismos, pelas figuras de linguagem e pela multiplicidade de significados disponíveis, a dimensão polissêmica.

A produção lexical em “Escapulário”

O poema a seguir, de Oswald de Andrade, possibilita a aplicação das noções apresentadas como categorias de análise, a título exemplificativo:

ESCAPULÁRIO
No Pão de Açúcar
De Cada Dia
Dai-nos Senhor
A Poesia
De Cada Dia

(Poesias Reunidas, 1974, p. 75)

Inicialmente, antes de qualquer investida interpretativa, reconhece-se a sequência gráfica como uma manifestação comunicativa em língua portuguesa, por dois motivos, primeiro por apresentar palavras, sequências de letras com extensão delimitada, próprias da referida língua; segundo, por serem termos reconhecíveis a partir de um significado de base convencionalizado. Mesmo que o leitor não tenha referência sobre o acidente geográfico carioca, identifica, separadamente o valor significativo de *pão* e de *açúcar*. Para a exploração do processo de significação do texto, entra em cena o conhecimento prévio do leitor, ressignificando cada palavra, associando-a em expressões e correlacionando cada unidade de leitura, enfim, tornando o texto em uma unidade de significação.

Escapulário, em estado de dicionário, traz uma possibilidade significativa, decorrente de uma tradição religiosa: *Tira de pano bento usada pelos religiosos e religiosas sobre os hábitos* (Dicio, dicionário online de português). É o significado de base, instituinte do vocábulo, que pode ser o único de conhecimento do enunciador, tomado, portanto, como suporte para o estabelecimento e desenvolvimento da referência textual. Mas, outros significados podem ser resgatados, dependendo do conhecimento histórico, religioso ou até individual adquirido pelo falante.

Quando é feita a transferência para o universo de conhecimentos do falante, possibilidades múltiplas se abrem, é o estágio das lexias. Pela história, escapulário era uma peça de vestimenta dos monges carmelitas, espécie de avental, colocada sobre as escápulas (ossos dos ombros), para preservar a túnica das sujeiras dos afazeres cotidianos, sendo um deles, a culinária, em que se fazia o pão. Com o tempo, passou a ter um valor religioso, ao ser transformado em uma faixa de tecido, como uma estola sacerdotal, ostentado em louvor à Nossa Senhora do Carmo. Aos fiéis foi adaptada em dois fragmentos de tecido marrom (mais tarde substituídos pelas imagens de Nossa Senhora do Carmo e do Sagrado Coração de Jesus), diametralmente opostos, presos por um cordão, simbolizando proteção física e espiritual. Individualmente, o escapulário pode ser utilizado como amuleto da sorte, como pressagiador de resguardo ou de perigo, se for arrebatado ou perdido, por exemplo.

O campo lexical pode ou não ser mais abrangente que o vocabular. No caso, inicialmente, por escapulário estar relacionado a pão, é possível resgatar a tradição carmelita de proteção pelo avental; mas, por mais adiante, aparecer a invocação ao Senhor, torna-se um símbolo de proteção. A poesia precisa ser protegida e preservada, pois, como o pão, é, cotidianamente, necessária. A poesia encanta a vida como o pão adoça o paladar, por ser feito com açúcar. Um dos símbolos turísticos do Brasil é o morro do Pão de Açúcar, localizado na cidade do Rio de Janeiro, e, por essa referência, pode-se subentender que o pedido de proteção não é só para a poesia, mas também para os poetas brasileiros sobreviverem.

No âmbito gramatical, ocorre uma derivação imprópria, de pão de açúcar para Pão de Açúcar, por um processo de gramaticalização, pois pão, substantivo comum, por um processo de raciocínio metafórico, passa a ter função de substantivo próprio ao designar o acidente geográfico carioca; o mesmo acontecendo com açúcar. Essa atribuição designativa origina-se, segundo relatos diversos, entre os séculos XVI e XVII, apogeu do cultivo da cana-de-açúcar no Brasil, quando, para transportá-los à Europa, os blocos de açúcar eram preparados em uma forma de barro cônica, denominada “pão de açúcar”; semelhante ao formato do bloco de granito do morro do Rio de Janeiro.

A conformidade entre forma de barro e morro fez com que, por um processo de raciocínio metafórico, substantivo comum passasse a ter função de substantivo próprio, ou seja, aquele que serve “para conferir identidade exclusiva a um membro de uma classe

ou espécie”, conforme nos ensina Azeredo (2008, p. 156). A gramaticalização justifica-se porque, para um registro já existente, pão de açúcar = forma de barro, foi atribuída uma função nova, designar um acidente geográfico, ou seja, o Morro do Pão de Açúcar.

“Pão de Açúcar” é um substantivo composto que assume a função de locução adverbial de lugar ao ser preposicionado com a preposição “em”. Açúcar, substantivo, também adquire outra função, a de locução adjetiva, ao ser preposicionado com a preposição “de”. A expressão “De Cada Dia”, igualmente, é uma locução adverbial temporal, preposicionada, composta pelo pronome indefinido “cada” e pelo substantivo “dia”. “No Pão de Açúcar” e “De Cada Dia” são os circunstancializadores da súplica “Dai-nos Senhor / A Poesia”, oração absoluta em que “Senhor” é o vocativo, “dai” é um verbo transitivo direto e transitivo indireto, conjugado na segunda pessoa do plural do modo imperativo afirmativo; “nos” é o objeto indireto (a nós) e “a poesia” é o objeto direto; termos integrantes de um predicado verbal.

Há uma tensão intertextual entre “No Pão de Açúcar / De Cada Dia / Dai-nos Senhor” e a oração do Pai Nosso, “O pão nosso, de cada dia, dai-nos hoje”. A retomada torna o poema uma prece com pedido de proteção, ritualisticamente simbolizado pelo escapulário, de um lado o Brasil e de outro, a poesia, ligados pelo cordão da docilidade. É um manifesto de sacralização da poesia brasileira, abençoada com uma oração do escapulário, um pedido à Virgem Santíssima para que cubra, com seu manto, o Brasil e os poetas para que o cordão da docilidade não se rompa e a poesia não seja perdida, pois, se o for, será um mau presságio.

A produção lexical na poesia Pau-Brasil

Esta análise será feita com base no poema *Falação*, que trouxe inovações em termos do léxico para o Português Brasileiro.

FALAÇÃO

O **Cabralismo**. A civilização dos donatários. A **Querência** e a Exportação.

(...)

Século XX. Um estouro nos **aprendimentos**. Os homens que sabiam tudo se deformaram como babéis de borracha.

Rebentaram de **enciclopedismo**.

(...)

Contra o **gabinetismo**, a **palmilhação** dos climas.

A língua sem arcaísmo. Sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros.

(...)

(Poesias Reunidas, 1974, p. 66)

O fato de as línguas estarem em constante mudança foi um fenômeno constatado no século XIX. Em 1906, o linguista francês Antoine de Meillet escreveu um texto para a Revista *L'Année sociologique*, que passou por várias transformações até ser publicado como separata em 2009. Seu título é *Como as palavras mudam de sentido*. Essa obra traduzida, em edição bilíngue e crítica, para o Português, Rafael Faraco Benthien, professor da Universidade Federal do Paraná e Miguel Soares Palmeira, professor da Universidade de São Paulo. Nela, Meillet apresenta uma explicação sociologicamente fundamentada das mudanças de sentido ocorridas no vocabulário. Vê-se, assim, que as alterações no âmbito lexical têm uma tradição já consagrada. No Brasil, essas modificações foram apontadas pelo professor Ismael de Lima Coutinho, em 1938, em sua obra *Pontos de Gramática Histórica*, quando afirma que

Nas línguas modernas, encontram-se aos milhares vozes de cuja existência debalde se procurarão vestígios nos escritores dos séculos precedentes.

Só se imobilizam os idiomas mortos. O vocabulário dos idiomas vivos está constantemente renovando-se. 'Não há, afirma Rui Barbosa, língua definitiva e inalteravelmente formada. Todas se formam e transformam continuamente. Quem o não sabe? Que homem de medianas letras hoje o ignoraria?' (COUTINHO, 1962, p. 254).

O professor aborda essa introdução de palavras novas no item intitulado NEOLOGISMOS, definindo-os como “palavras ou expressões novas que se introduzem, ou tentam se introduzir na língua” (COUTINHO, 1962, p. 254). Destaca que os conhecimentos novos produzidos nas ciências, nas artes, nas letras, na indústria e no comércio resultam na introdução no léxico de termos novos de uma dada língua, que possibilitam a avaliação do grau de cultura do povo que a domina. Enfatiza ainda que a criação de um novo vocábulo deve estar condicionada a uma necessidade imperativa, ou seja, ela deve estar relacionada a um fato relevante para a sociedade que usa essa língua. Coutinho aprofunda o estudo dos neologismos, apresentando seus tipos e introduzindo as fontes que mais contribuem para a formação dessas novas palavras.

Outro linguista brasileiro que se dedicou ao estudo da criação de palavras novas foi José Carlos de Azeredo. Ele inicia retomando a ideia de que “qualquer língua em uso se modifica constantemente” (AZEREDO, 2008, p. 399) e estabelecendo uma distinção entre Neologia e Neologismo. Conceitua a primeira como “o processo de renovação

lexical de uma língua” (p. 399) e o segundo é caracterizado pelas “formas e acepções criadas e absorvidas pelo seu léxico” (p. 399-400).

De acordo com Nelly Carvalho (2012), os neologismos foram considerados, ao longo do tempo, um fenômeno retórico e gramatical, porém, quando eles passaram a ser analisados na perspectiva da criatividade, esse entendimento alterou-se profundamente, pois “a invenção de novos meios de expressão faz parte de diversos aspectos da evolução da língua, desde suas origens” (CARVALHO, 2012, p.12). Esse novo foco, segundo a autora, torna o estudo dos neologismos mais atraente e atual, porque, além de evidenciar a criatividade e a informatividade dos lexemas, ele destaca a sua relação com as modificações da realidade extralinguística e com as disciplinas não linguísticas. Algumas das novas palavras resultantes da criatividade, dada a sua novidade, pertencem à fala (parole conforme propunha Saussure, 1971)⁴ e não à langue⁵, tendo, portanto, um caráter provisório. Ela afirma ainda que os falantes, inicialmente, percebem uma ruptura em relação à língua, que é constatada no discurso. Nesse sentido, destaca que

O neologismo é ao mesmo tempo uso da língua e subversão, reconhecimento e transgressão da norma. Criar palavras novas supõe um domínio da língua suficiente para poder enriquecer as estruturas existentes (CARVALHO, 2012, p. 13).

Em 1924, Oswald de Andrade publicou no *Correio da Manhã*, jornal do Rio de Janeiro, o poema-programa *Falação*, que é uma redução, com alterações do *Manifesto da poesia pau-brasil*. Esse texto faz um relato da história do Brasil, desde a sua descoberta. O vocábulo escolhido para o título significa, segundo o *Nôvo Dicionário Melhoramentos*, em sua 5ª edição (1969), na primeira acepção – fala e, na segunda, como forma popular, tem o significado de discurso e parolagem. Se considerarmos o valor de “fala”, esse seria um texto com marcas de oralidade e seria uma manifestação oral entendida como conversa ou troca de ideias ou como simples tagarelice, aspectos contidos na palavra parolagem. Assim, pelo título do poema, o leitor cria a seguinte hipótese de leitura: o

⁴ “A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual se pode distinguir: 1ºas combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento individual; 2º o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações” (SAUSSURE, 1971, p. 22).

⁵ “Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para o exercício dessa faculdade dos indivíduos” (SAUSSURE, 1971, p. 17).

poeta oferece ao leitor uma conversa sobre um tema. A leitura dos dois primeiros versos possibilita ao leitor completar sua hipótese: o poema será uma conversa sobre o Brasil. Nesse texto, que sintetiza ideias do Manifesto Pau-Brasil, Andrade introduz uma série de oposições, entre primitivismo e vanguarda, branco, negro e índio, colonizador e colonizado, criando um sincretismo como solução para tantos contrastes numa mesma cultura.

Para construir esse quadro, ele vai lançar mão da criação de novas palavras, como meio para traduzir essa realidade. Assim, a palavra “Cabralismo” é o neologismo que vai caracterizar o momento da descoberta do Brasil. O processo de formação escolhido foi a derivação sufixal, que possibilita a criação de substantivos, adjetivos, verbos e de advérbios terminados em -mente. Esses advérbios são formados com base em um adjetivo na forma feminina à qual se acrescenta o sufixo -mente como em irônica + -mente = ironicamente.

Em Cabralismo, palavra inicial do poema-programação, o poeta parte do substantivo próprio Cabral, sobrenome do comandante português que chefiou a esquadra que achou o Brasil. A ele foi acrescentado o sufixo -ismo que significa modo de proceder ou de pensar, surgindo, assim, o termo que expressa a maneira como os portugueses do século XVI conduziam a posse das novas terras, criando feitorias, que, posteriormente, foram substituídas pela distribuição de terras a pessoas de confiança do rei, fase explicitada a seguir pela expressão “A civilização das donatárias”.

Ao focalizar o Brasil no início do século XX, período já republicano, em que, ao lado da agricultura, o país começa a se industrializar nos anos de 1920, Oswald cria uma nova palavra para criticar o acúmulo de saberes conhecidos pelos homens doutos da época, aprendimentos. Ele parte do verbo “aprender”, cuja vogal temática -e- sofre um processo de neutralização em relação à terceira conjugação, decorrente da perda de tonicidade da vogal temática. Ao radical “aprendi” acrescenta-se o sufixo -mento que significa ação ou resultado dela, ou seja, aprendimentos nomeia a ação de aprender, englobando os atos realizados pelo aprendente.

Ainda no século XX, o poeta introduz outro neologismo: gabinetismo. Partindo da palavra “gabinete”, ele acrescenta o sufixo -ismo, que, como já apresentamos acima, expressa o modo de proceder ou pensar. No verso, essa palavra vem precedida da

preposição “contra”, indicando a oposição que o poeta faz ao uso erudito da linguagem, permeada de arcaísmos e impermeável aos neologismos.

Palmilhação é outra palavra nova criado por Andrade. Ela certamente origina-se do verbo palmilhar, que, segundo o Dicionário Aurélio, entre outras acepções, significa percorrer a pé, indicando o resultado da ação de palmilhar (percorrer a pé), acrescido do sufixo -ção, que indica ação ou o resultado dela. O que chama a atenção do leitor para essa palavra é a locução adjetiva que a caracteriza – “dos climas”. Portanto, essa forma linguística passa por um processo de modificação de seu sentido, pois clima não se refere às condições do tempo, mas sim ao ambiente ou à atmosfera relacionada a situações sociais vivenciadas em diferentes ambientes. Em outras palavras, palmilhação de climas refere-se ao enfrentamento de diferentes ambientes, atmosferas e situações vivenciados na vida em sociedade. Assim, a construção “palmilhação de climas” relaciona-se à proposta de novos horizontes e de novos caminhos para a literatura brasileira, a serem registrados em um Português Brasileiro.

Pelo exposto, vê-se que a derivação sufixal foi um recurso frequentemente utilizado pelo poeta na busca de simplificação e de renovação da linguagem poética, com vistas a destacar as particularidades do Português Brasileiro, dando ênfase à oralidade. Haroldo de Campos, ao tratar de poética de Oswald de Andrade apontou que “se quisermos caracterizar de um modo significativo a poesia de Oswald de Andrade no panorama do nosso modernismo, diremos que esta poesia responde a uma poética da radicalidade” (CAMPOS, 1974, p. 9).

Do ponto de vista linguístico, com base na breve análise da criação de palavras novas no poema Pau Brasil, podemos concluir retomando as ideias de Carvalho (2012). Os neologismos são termos que, inicialmente, pertencem à fala, mas, no decorrer do tempo são incorporados à língua. É o que ocorreu com as criações neológicas de Andrade, pois, como elas persistiram em seus poemas, passados cem anos de sua publicação, constatamos que hoje fazem parte do Português Brasileiro, uma vez que continuamos lendo os textos oswaldianos, tendo contribuído, portanto, para a constituição da língua nacional de nosso país.

A discursivização

Discurso vem do latim “discursus”, formado por “dis” com o sentido de “fora” e por “currere”, “correr”, isto é, “correr por fora ou ao redor”, que foi interpretado como “abordar um assunto por vários pontos de vista”. O assunto passível de ser assim abordado, por não ser dogmático, é considerado discursivo, ou seja, suscetível a reflexões positivas e negativas, não aleatórias, mas apoiadas numa mesma formação discursiva (FOUCAULT, 1969). Só quando essa for a condição é que se pode discursivizar, quer dizer, manifestar um ponto de vista sobre um assunto tomado a partir de uma mesma modalidade existente (FOUCAULT, 1969). O resultado do processo é a discursivização, configuração da formação discursiva pela ordem do discurso, ou seja, as regularidades de organização dos enunciados, entendidas como o conjunto de operações responsável por transformar significado em significação. Se o assunto for dogmático, não se tem discursivização e sim doutrinação, pois a formação discursiva se atualiza por regras engessadas (FOUCAULT, 2019).

Há de se considerar que a concepção de discursivização, como transformação de língua em discurso, hoje, com os avanços dos estudos discursivos, configura-se restrita, uma vez que a tessitura do discurso em texto não é abordada só na dimensão linguística, mas também na semiótica. A matéria discursiva ganha amplitude, agregando, às unidades de interpretação linguísticas, as semioses. Portanto, é por meio de operações de semiotização que se dá a organização do discurso e fazem com que o texto, uma paisagem semiótica de comunicação, seja o resultado de operações multimodais: linguísticas e extralinguísticas / verbais e visuais. Considera-se, dessa forma, a concepção de discursivização como a transformação (não da língua) da linguagem em discurso.

Produz-se discurso quando se investe a linguagem de uma prática social. As práticas sociais são constituídas, na vida social, por domínios da economia, da política e da cultura. Nessa perspectiva, a produção do texto é tanto um ato cognitivo quanto interacional. Cognitivo por operar na intermediação entre as realizações discursivas e a sociedade. Interacional por assumir, assim, uma função de ordem social, ou seja, uma atividade de organização e de reprodução das práticas sociais para que elas se tornem compreensíveis (aceitas ou não, uma vez que se trata de “dis-cursus”).

O texto, como a realização de um ato de semiotização do discurso, é atualizado por operações cognitivas, linguísticas, extralinguísticas e sociointeracionais. É, por isso, um ato interacional, pois, as circunstâncias situacionais do discurso são os elementos

responsáveis pela construção do sentido de um texto. Considera-se, assim, o discurso como uma realização multimodal dentro de um contexto social e histórico.

O desvendamento das estratégias multimodais, empregadas na atualização do discurso em texto e determinadas pela situação de comunicação, possibilita a construção dos efeitos de sentido, decorrentes da contextualização dos significados depreendidos das unidades de interpretação, as semioses. Por isso, o discurso é o lugar das variações semânticas por efeito dos contextos que poderão dar lugar a diferentes conotações. Segundo Vincent, Votre e Lafort (1993), no processo de discursivização, a complexidade semântica ganha significação pragmática pelo uso operacional. A discursivização, como um processo constituído por estratégias interacionais, reorganiza o fluxo cognitivo e semiótico de produção do discurso, a fim de deixar o enunciatário ciente da perspectiva de enunciação realizada pelos atos de locução.

A discursivização em ‘VÍCIO’, de Oswald de Andrade

A discursivização é responsável pela organização e pela manutenção da interação estabelecida pelo ato de enunciação que reflete a intencionalidade do enunciador reproduzida em procedimentos exequíveis de leitura; o que será examinado no poema de Oswald de Andrade (1925/1990, p.16) que segue.

VÍCIO NA FALA

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados

(Poesias Reunidas, 1974, p. 82)

A opção pela palavra “vício” denota uma avaliação de “mau hábito”, que, relacionado à “fala”, um erro habitual no uso da língua. Em outros registros, um linguista daria por título “variação linguística”; um sociólogo, “peculiaridades sociolinguísticas”; um filósofo, “natureza linguística”; um retórico, “convicção linguística”. Especulações à parte, “vício” também tem a acepção de ser tendência para contrariar o estabelecido. “Vício”, portanto, é um item lexical selecionado pelo enunciador, que traz, em si, um valor negativo “erro habitual”, e um positivo, “contrariar o estabelecido”, refutar, com

liberdade, o que é imposto. Sai do significado de base para construções significativas que são os efeitos situacionais de sentidos do discurso.

A transformação do uso padrão culto em registro cotidiano de fala possibilita, dependendo da situacionalidade de leitura do texto, a identificação de variações linguísticas: diastrática, uso frouxo da língua pelo grupo social do falante; diafásica, hábito descontraído na fala social; diatópica, tradição interacional de fala de uma localização; e diamésica, a título de exemplificação, um poema com miscigenação de registros, formal e informal, em um mesmo ato comunicativo.

O poema é uma sextina em versos brancos e traz um propósito significativo nos versos livres, um processo de redução e de expansão, com o primeiro verso com 10 (dez) sílabas, heroico sáfico, por ser o mais longo do poema; o segundo, com 7 (sete) sílabas, redondilha maior; o terceiro, com 5 (cinco) sílabas, redondilha maior; o quarto, 7 (sete) sílabas, redondilha maior; o quinto, 10 (dez), heroico sáfico, quebrado em eneassílabo; o sexto, 7 (sete), redondilha maior.

As reduções, na dimensão da palavra, se dão por iodização do dígrafo “lh” e por fusão (crase) de sons idênticos: milho > miyo > mio; pela redução do “e” átono em “i”, pela iodização do “lh”, pela crase, pela supressão da vibrante final, uma apócope do “r”, que marca a tonicidade oxítona à palavra e que, por ser suprimida, é substituída pelo acréscimo do sinal diacrítico de acento agudo: melhor > milho > miyor > mior > mio > mió; pela apócope da vibrante e acréscimo do acento agudo para marcar a tonicidade oxítona: pior > pio > pió; pela iodização do “lh”: telha > teya e telhado > teyado.

As reduções sintáticas advêm por elipse, os verbos “dizerem e “dizem” vão sendo apagados, pois, pelo paralelismo sintático dos versos, eles podem ser facilmente subentendidos: Para dizerem milho dizem mio / Para (dizerem) melhor dizem mió / Para (dizerem) pior (dizem) pió.

As expansões, no âmbito da palavra, ocorrem por flexão verbal de número e pessoa: infinitivo impessoal dizer + em = dizerem, terceira pessoa do plural do infinitivo pessoal; e ele diz + em = eles dizem, terceira pessoa do plural do presente do indicativo; por derivação nominal pelo sufixo “-do”: telha + do = telhado; e pela flexão nominal de número plural: telhado + s = telhados.

A expansão sintática se dá pela retomada do verbo “dizem”, subentendido, e pela criação de uma perífrase verbal, com o verbo “ir” (vão) como auxiliar e o verbo

“construir” (construindo) como principal, em substituição ao tempo simples “constroem”. O tempo composto, com o verbo principal no gerúndio, é indicativo de processo em continuidade.

Esse movimento de redução e de expansão desvaloriza o julgamento linguístico preconceituoso em favor da valorização do fazer laborioso incansável. Na redução, há um percurso de transformação do início para o meio do poema, saindo de um verso heroico sáfico, passando por um verso em redondilha maior e desembocando em uma redondilha menor que intermedeia o poema. O uso das redondilhas dá, ao assunto tratado, uma leveza de mote brincalhão, pela ligeireza do ritmo e pela frugalidade da rima: Para melhor dizem mió / Para pior pió.

A expansão tem início em uma redondilha menor, passa para uma redondilha maior, sem rima, o que quebra a temperança e introduz um ar de insolência, como uma constatação e crítica sociais. O falar cotidiano, liberto das convenções normativas, constrói uma identidade linguística que, muitas vezes, tem início em pequenos grupos, mas que se estende, como uma telha encaixada à outra: E vão fazendo telhados. A apropriação da língua, pelo usuário, como um bem cultural e um instrumento de comunicação, dá-lhe o direito à posse integral da língua, a ponto de submetê-la às variações necessárias para a realização, previsivelmente plena, da interação.

A contradita de que “vício na fala” é uma impropriedade não tem sua representação só no registro verbal, pois o processo de redução e de expansão desenha, lateralmente, um telhado que, se girado, para a posição vertical, espelha bem um telhado:



Essas estratégias verbo-visuais de produção discursiva ocorrem no estágio da discursivização e transformam o contraproducente em produtivo no falar e no fazer. As alterações no padrão culto não prejudicam o conteúdo informacional desse léxico, demonstrando que o desabono a esse tipo de fala só revela preconceito linguístico. Quem faz a língua viva é o falante, no seu uso cotidiano, não o gramático ou o literato em suas produções esporádicas. Cabe ao gramático não só descrever a estrutura de composição de uma língua, mas também sua funcionalidade comunicativa nas mais diversas ocorrências possíveis. Ao literato, o resgate das preciosidades, formais e informais, da fala. E, ao

analista do discurso, a observância das práticas sociais que investem a linguagem em cada ato multimodal de comunicação.

A argumentação

Retomemos, agora, três observações registradas acima:

- 1) “A discursivização é responsável pela organização e pela manutenção da interação estabelecida pelo ato de enunciação que reflete a intencionalidade do enunciador reproduzida em procedimentos exequíveis de leitura.”;
- 2) “A língua é um instrumento social que obedece mais à fluidez discursiva do que à rigidez prescritiva da gramática.”;
- 3) A argumentação destaca os itens lexicais por meio de estratégias pragmático-interacionais, construindo atos retóricos (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 12).

Essas afirmações indicam, claramente, uma postura linguística e uma postura autoral necessárias para estabelecer interação entre orador e auditório. No tempo de Oswald, estava sedimentada no meio intelectual uma secular literatura poética e documental que, por séculos, fixara um conceito do que era traduzir o homem em forma de poemas (correção, clareza, adequação métrica, ornamentação necessária, representação mimética e emocionada da realidade). Oswald de Andrade, pouco afeto à tradição, recolheu a brasilidade linguística efetivamente praticada no contexto de seu tempo e a traduziu em linguagem poética com o objetivo de libertá-la dos cânones literários e prescritivos da gramática e da rigidez imposta pelas diversas estéticas literárias que o formaram e “deformaram”. Não é um subversivo linguístico, mas um fotógrafo muito competente de nuances constitutivas do português do Brasil. Apresenta, numa perspectiva dialógica, usos estratégicos e realistas de sua própria língua e, pelo gesto retórico ostensivo, constrói, no processo interacional, os mecanismos que pretendem um envolvimento com um auditório que, contrário ou favorável à negociação, precisava reconhecer a dinamicidade da língua, precisava redescobrir a coerência não normativa, mas discursiva e, sobretudo, social. Assim vista, a autoria de Oswald é, já por princípio composicional e ideativo, argumentativa.

A intencionalidade que sustenta todo o fazer poético de Oswald de Andrade, portanto, já traz em si o propósito persuasivo de instaurar uma “poética da radicalidade” (CAMPOS, 1974). De modo complementar, a Semana de Arte Moderna, da qual Oswald de Andrade é figura basilar, foi a primeira manifestação coletiva pública na história cultural brasileira a favor de um **espírito novo e moderno em oposição à cultura e à arte de teor conservador que predominava no país até o século XIX**. Havia, então, um contexto retórico muito efervescente para a criação literária inovadora. Filiando-se intelectualmente ao Modernismo, a obra de Oswald é um manifesto explícito contra as formas tradicionais das artes e, por extensão, uma reflexão muito acurada sobre a organização social e a vida cotidiana do homem brasileiro. Nessa perspectiva, a obra de Oswald, se considerada num ângulo global, é a exteriorização de um argumento magno que pretende, ao revolucionar a própria linguagem poética, negociar com o auditório a derrubada do mito do bem dizer que, secularmente, instaurara-se no discurso dominante e funcionava como cânone para todas as produções literárias.

A poesia de Oswald de Andrade, polêmica na essência, é, pois, altamente retórica ao objetivar estabelecer acordos com um auditório conservador, oferecer um confronto público julgado oportuno e ampliar a tensividade natural dos atos retóricos para exaltar o desacordo e, assim, provocar reflexão sobre jeitos de dizer, jeitos de fazer e, até, jeitos de ser no universo antagônico que se estabelecia entre o velho e o novo na prática artística e social. A poética de Oswald de Andrade, se assim vista, é a personificação de um desafio. A própria concepção de nacionalismo e de valores patrióticos foi colocada em xeque numa revolução que pretendia movimentar, de forma definitiva, “os valores estáveis da mais atrasada literatura do mundo”, que “impediam qualquer renovação” (CAMPOS, 1974, p. 10).

Essencialmente retórica e argumentativa já na *Inventio*, a poesia “pau-brasil” de Oswald de Andrade, radical na linguagem e na forma, recolhe a inquietação do contexto retórico e o traduz pela “contribuição milionária de todos os erros” (CAMPOS, 1974, p. 11). O homem brasileiro comum está nos versos de Oswald, longe dos vasos gregos e da métrica cartesiana. A língua em uso, revestida de uma poesia telúrica é, na simplicidade aparente, produto de reflexão peculiar e vivencial sobre o falar brasileiro e a cultura de seu povo. A seu modo, Oswald movimenta o gosto, mas, sobretudo, exponencia, no texto poético, um caráter identitário. Esses recursos estilísticos, em retórica, são reflexos da

invenção (“*inventio*”, em latim; “*heuresis*”, em grego), um processo interno de criação para encontrar o que se vai dizer (*quid dicat*), um inventário de provas argumentativas que são submetidas a uma rigorosa avaliação crítica interna para, depois, fazer aflorar nitidamente, na disposição (“*dispositio*”, em latim), a forma e o conteúdo.

Os gramáticos da antiguidade clássica, inicialmente, distinguiam na retórica apenas duas partes distintas e complementares para estabelecer os principais níveis do texto retórico: a *inventio*, que se ocupava do assunto, do conteúdo, da substância do discurso (*res*) e a *elocutio*, que se preocupava com a expressão externa (com a forma do discurso, com o caráter oracional do texto (*verba*) (MAYORDOMO, 1991). A *invenção* é o primeiro dos cinco cânones da retórica: a descoberta dos recursos para persuasão. Em Oswald de Andrade, o processo de invenção é particularmente fundamental: recolher o que já conhecia e vivenciava no dia a dia para mimetizar o “sermo plebeius”, a língua em sua exteriorização mais natural e fluida, em atos retóricos muito singulares na forma e na tematização:

O GRAMÁTICO

Os negros discutiam

Que o cavalo sipantou

Mas o que mais sabia

Disse que era Sipantarrou.

(Poesias Reunidas, 1974, p. 93)

O objetivo declarado de Oswald ao fundir *res* e *verba*, indica primeiramente o desejo de “assustar a burguesia que cochila na glória de seus lucros”. Depois e simultaneamente, o intuito de deixar no auditório a prática da retórica em sentido lato, vista como a arte do discurso em geral que é exercida por qualquer indivíduo ativamente participante na vida de uma sociedade, mas, sobretudo, a retórica em sentido restrito, a arte do discurso comprometido, que coordena mecanismos linguísticos partidários, mostra as alterações no tempo e leva em conta a situação (*status*) e indica caminhos para modificar a situação. Como projeto argumentativo, os poemas de Oswald têm nitidamente finalidade persuasiva.

Inventar, pois, em Oswald de Andrade é um ato reflexivo para clarear as relações entre oralidade e escrita e, simultaneamente, divulgar a ideia de que são os usos que fundam a língua e não o contrário. O propósito comunicativo (*inventio*) movimenta o gênero poema e revela as variações, gradações e interconexões possíveis entre o linguajar

culto e o popular. Como o objetivo retórico está centrado no cotidiano, o esforço inventivo sedimenta, na criação artística, as ações comunicativas que enfocam a participação social de indivíduos brasileiros, sobretudo os da classe menos privilegiada, e, vale-se do gênero poema para realçar o poder criativo da comunicação em novas circunstâncias geográficas, temporais e sociais:

PRONOMINAIS

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

(Poesias Reunidas, 1974, p. 125)

O processo criativo de Oswald retém um propósito muito claro: dessacralizar o poetar e dar conforto aos usuários da língua a partir do conhecimento que têm da própria língua. O contexto, realístico e popular, ganha relevância e funciona como um cenário, pintado com cores fortes, para demonstrar a existência de um *continuum* entre oralidade e escrita e demonstrar a língua como um fenômeno humano não estático, mas funcional: prática social que envolve seres humanos com suas crenças, vontades, desejos, interesses, ideias e ideais que se configuram pela fala cotidiana.

Como inventário, o repertório poético de Oswald fornecia, já no início do século XX, material que fundamentaria os estudos que hoje bem conhecemos por sociointeracionismo: uma perspectiva em que fala e escrita apresentam dialogicidade, usos estratégicos, funções interacionais, envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade. Do mesmo modo, a poesia de Oswald, altamente persuasiva e repleta de argumentatividade, fornece exemplos concretos para o que, depois, seria competentemente descrito nos estudos contemporâneos de visão variacionista, nos postulados da Análise da Conversação, da Linguística Textual e da Linguística Funcional. De muitas formas, Oswald estabeleceu correlações entre formas linguísticas (dimensão linguística), contextualidade (dimensão funcional), interação (dimensão interpessoal) e cognição no tratamento das semelhanças e diferenças entre fala e escrita nas atividades de formulação textual discursiva. Num plano amplo, ao chamar a atenção para a

brasilidade, Oswald de Andrade pratica a retórica do apelo, pela utilização de estratégias simbólicas que objetivam provocar resposta emocional do auditório para que, aceito o discurso, crie convicções, lealdade, compromissos com a tese que foi explanada.

A poética de Oswald, se assim vista, é um retrato de uso da língua como um fenômeno dinâmico, interativo, que possui natureza argumentativa, mas é também, num plano estritamente retórico, um combate à “eloquência balofa e roçagante” (CAMPOS, 1974, p. 13). É importante, porém, observar que, como também afirma Campos, os atos retóricos de Oswald de Andrade não são reducionistas ou se limitam a um combate explícito aos puristas:

Se há em Oswald uma reivindicação, por uma ‘língua sem arcaísmos’, ‘natural e neológica’, pela matéria oral e fatural, pela ‘contribuição milionária de todos os erros’, esta não se esgota na alforria do português falado no Brasil, miscigenado no trepidante caldeirão racial de São Paulo, da tutela dos puristas, que lhe queriam impor os estalões lusitanos da expressão castiça e lhe pretendiam embargar o acesso ao panteão reservado da literatura escrita. O roteiro oswaldiano tem mais longo alcance, maior conteúdo prospectivo (CAMPOS, 1974, p. 50-51).

Oswald era um homem urbano e atento às mudanças advindas da industrialização que, por serem observadas com lirismo, transformaram-se em poemas. Entre as muitas questões suscitadas pelo processo de *inventio* e *dispositio* do poeta, o estranhamento causado por essa forma de poetar pode até ser considerados natural: não mais a poesia centrada num eu-lírico apaixonado, não mais o ornamento como estratégia para o encantamento. Os poemas de Oswald são atos retóricos que objetivam desnudar os fatos sociais de sua época para traduzir, por meio do poema, além das situações e expressões típicas do falar brasileiro, o próprio homem brasileiro, sua rudeza e nobreza simultâneas. O poeta, então, compartilha significados e tem em vista propósitos práticos que podem ser entendidos como gestos retóricos de natureza persuasiva e inovadora. A intencionalidade revela o cunho argumentativo da composição que sintetiza o homem e seu meio para exaltar o cotidiano brasileiro:

DIGESTÃO

A couve mineira tem gosto de bife inglês
Depois do café e da pinga
O gozo de acender a palha
Enrolando o fumo
De Barbacena ou de Goiás

Cigarro cavado
Conversa sentada
(Poesias Reunidas, 1974, p. 127)

AGENTE
Quartos para famílias e cavalheiros
Prédio de 3 andares
Construído para esse fim
Todos de frente
Mobiliados em estilo moderno
Modern Style
Água telefone elevadores
Grande terraço sistema yanlcee
Donde se descortina o belo panorama
De Guanabara
(Poesias Reunidas, 1974, p. 108)

Esse movimento interior de achar o que dizer e como dizer é um exercício consciente de radicalidade, de avaliação crítica do ser brasileiro no Brasil e, como encabeçava um movimento de vanguarda, evidenciar possibilidades inovadoras de caminhos de produção. O estranhamento causado por suas características revolucionárias exigia um esforço maior para conquistar a interação e estabelecer acordo com o auditório composto por conservadores. Seus micropoemas ou minipoemas condensam a língua e a intencionalidade se revela retoricamente por meio de uma forma sintética e altamente expressiva: o humor, a ironia, a crítica à tradição purista de tratar a língua no gênero poema. Como afirma Brito (1974) em sua apresentação às Obras Completas de Oswald de Andrade, o humor se apresenta entre o lirismo e a ironia, a imaginação e o falar popular. O descritivo, por sua vez, se impõe em sínteses luminosas e deformações sintáticas, como um verdadeiro crime contra a carta poética do passado.

Essa associação de síntese linguística, humor, figuras de retórica e tematização “insinuante” é sensível produto de reflexões acumuladas na *inventio*: o poeta pratica a reduções e apenas prenuncia o contexto da fala que, cinematograficamente, se revela em “flashes” ao longo do poema:

CAPOEIRA
— Qué apanha sordado?
— O quê?
— Qué apanha?
Pernas e cabeças na calçada
(Poesias Reunidas, 1974, p. 93)

Imagem e mensagem se fundem plástica e discursivamente e instauram o caráter problematizador, verossímil, mas não expresso inteiramente. O poeta cria um espaço para que o auditório complete as lacunas de representação miméticas da realidade. O texto se conglomerava com a imaginação do leitor e complementa-se em um discurso dialogado poeticamente. Os mecanismos restritos do sistema verbal, então, são parte de um processo argumentativo que, além do *docere* de raiz revolucionária, reforça o *delectare* (seduzir, encantar), mais do que o *movere* (comover). Por isso, a *inventio* de Oswald ultrapassa os limites da mera seleção lexical ao suscitar sentidos outros, até subliminares, a fim de atingir a coesão e a coerência numa dimensão possível, que obriga o auditório a modular, com o poeta, gestos mentais caracteristicamente metonímicos, fotográficos e visuais.

Em resumo, a poesia sintética de Oswald se insurgia (e nesse sentido argumentava) contra a concepção de bem dizer que grassava na sociedade intelectual brasileira que ainda considerava o Parnasianismo como modelo de “jargão de casta, um diploma de nobiliarquia intelectual: entre a linguagem escrita com pruridos de escoreição pelos convivas do festim literário e a linguagem desleixadamente falada pelo povo (mormente em São Paulo, para onde acudiam as correntes migratórias com as suas deformações orais peculiares), rasgava-se um abismo aparentemente intransponível”. (CAMPOS, 1974)

Considerações finais

Num contexto conturbado e ávido por inovações, a poesia de Oswald de Andrade se impôs no Brasil do início do século XX como um eloquente legado contra o mal da eloquência. A obra oswaldiana, além de evidenciar criatividade e informatividade muito adequadas aos propósitos modernistas, incorpora à poesia brasileira, além das inovações linguísticas, a relação semiótica com a realidade extralinguística.

O lema de Oswald estava mesmo na primeira frase do Manifesto da Poesia Pau-Brasil: “A poesia existe nos fatos” e, talvez muito para si mesmo, “A Poesia para os poetas. Alegria dos que não sabem e descobrem”. O processo de *inventio* é um recurso poderoso para consolidar a poesia num patamar outro, menos requintada, vestida com roupas do dia a dia e com o *flash* encantado pelas musas que estão nas ruas, nas fazendas, na história revisitada com bom humor e senso acurado de um novidadeiro pensar que

conglomera o intelectual e o artista num gesto poético muito singular tanto na forma como no conteúdo.

O racional e o poético, em Oswald, se fundem num lirismo simples, rápido, contundente e, por tudo isso, a poesia possui uma aura seriada, cinematográfica, permeada pelas impressões mais superficiais e profundas. Nosso objetivo foi o de mostrar como o trabalho com a linguagem exterioriza de modo inovador e competente a verve poética dos poetas da vanguarda do Modernismo brasileiro, do qual Oswald de Andrade é figura proeminente.

Referências

- ANDRADE, Oswald de. *Obras completas/Poesias Reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BRITO, Mário da Silva. OSWALD DE ANDRADE, POETA. In: ANDRADE, Oswald de. *Obras completas 7/Poesias Reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. s. p.
- CAMPOS, Haroldo. Uma poética da radicalidade. In: Oswald de Andrade. *Obras Completas 7/Poesias Reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. p. 9-64.
- CARVALHO, Nelly. Fundamentos da criação neológica. In: CARVALHO, Nelly (org.) *Criação neológica – criação e prática*. Curitiba: Appris, 2012. p.11-47.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 5. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio – Século XXI – O Dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p.1480.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*. São Paulo: Loyola, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MAYORDOMO, Tomas Albaladejo. Semántica y sintaxis del texto retórico: inventio, dispositio y partes orationis. *E.L.U.A.*, 5, p. 9-15, 1988-1989. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6575/1/ELUA_05_01.pdf. Acesso em: 3 abr. 2022.

MEILLET, Antoine. *Como as palavras mudam de sentido*. Organização e edição de Rafael Faraco Benthien e Miguel Soares Palmeira. Edição bilíngue e crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

MULLER, Charles. *Initiation à la statistique linguistique*. Paris: Larousse, 1968.

NOVO Dicionário Brasileiro Melhoramentos – Ilustrado. 3. ed. rev. São Paulo: Melhoramentos, 1969. p.10. v. 3.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

UNIVERSIDADE DE LISBOA. Centro de Linguística. *Português fundamental: vocabulário e gramática*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica, 1984. v.I.

VINCENT, Diane; VOTRE, Sebastião; LAFOREST, Marty. Grammaticalisation et post grammaticalisation. *Langues et Linguistique*, Québec: Université Laval, n.19, 1993.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267